

A PHILOMELA

JORNAL RECREATIVO E LITTERARIO.

Publica-se semanalmente na typographia da rua d'Alfandega N. 126. Vende-se e assigna-se na mesma.

Com singelos recreios litterarios
Enganão-se do tempo horas pesadas.
Falmeno.



A PHILOMELA.

A SOMBRA DA TORRE.

Uma casa que existia em ruínas nos fins do seculo passado, situada em as extremidades da cidade de Coimbra, tinha servido de morada ao grande e valeroso Martim de Freitas, quando elle no correr do anno de 1247 poz em sitio esta bella cidade. Hoje que está reedificada e confundida entre muitas novas propriedades, deixou apagar em o livro das tradições d'aquelle povo uma de suas mais interessantes paginas. Na época á que nos referimos e no correr da noite, o povo lia com respeito nas negras paredes do velho edificio a legenda do bravo que duvidou da legitimidade de um rei. Que tinha sido construido no gosto d'aquelles seculos, bem o attestava a alta e estreita torre que sobre elle no sentido gothico haviam edificad. Janelas já sem portas em as quatro faces, e seteiras aqui e alli abertas, deixavão penetrar a opaca claridade da lua que, reflectindo nas escuras paredes do interior, mais sombrio tornavão aquelle edificio: era um espectro medonho erguido nas sombras das trevas vigiando o silencio da noite!

Os habitantes d'aquelle lugar que, como todos os outros, gostão das tradições sinistras para imbuir na imaginação supersticiosa a existencia de cousas fabulosas, ousarão affirmar que um vulto apparecia todas as noites ás janelas da torre, onde se conservava por largo espaço; e que uma voz feminina fazia ouvir melancolicos cantos.

Novidade era esta que não repugnava á um povo fanatico, e que inda vivia longe da época da civilisação. As filhas do Mondego ouvião com

susto e interesse o conto da torre. E o que seria?... A alma de Ignez, que depois de ter servido os seus encantos na fonte dos amores, subia á torre de Martim de Freitas para avistar as ruínas do antigo palacio de Santa Clara. Era ao avistar a real habitação, que a misera com seus queixumes carpia a perda do esposo — voz terna e maviosa, que nos seus transportes a mesma sombra se esvaecia!

Acreditava-se n'isto ou fazia-se por acreditar; o caso é que dando Ave-Maria ninguém mais se approximava da torre mysteriosa.

Deixemos nós esta gente credula no reino dos mortos, e passemos ao dos vivos onde acharemos o positivo.

Margarida era uma joven bonita e espirituosa como todas as filhas da Condeixa, lugar do seu nascimento. Tinha amado extremosamente um official de marinha, que depois teve de embarcar na esquadra que Nelson fez levar ao Mediterraneo, e por lá morreu. Não faltava quem lhe offerecesse um coração para ressarcir o que havia perdido; e no numero dos pretendentes muito se distinguia em seus esforços um moço por nome Luciano, também official, mas do exercito.

Ou as dragões d'este erão menos deslumbradoras, ou a joven Margarida havia em sua razão concluido que o militar não merecia ser amado, consequencia de sua completa dependencia. Se no começo de suas supplicas elle teve de devorar uma affronta desdenhosa, mais tarde leu no rosto enrugado e severo o despreso e odio que havia inspirado: comtudo não se deu por vencido, e dia e noite rondava a porta de Margarida.

Foi com surpresa que elle a viu uma noite sahir e caminhar lentamente para o largo da torre. Que de conjecturas correrão de tropel ao

pensamento do mancebo! Elle admirava a temeridade de uma mulher; mas a necessidade de distrahir uma idéa despedaçadora, levava-a a combater todos os receios. Seria um encontro? Seu andar firme expressava mais a resignação do que a anciedade e susto da mulher culpada. O sino grande da Universidade annunciava uma hora da noite, e ella caminhava... caminhava...

O mancebo a seguiu: não era a força do amor que o levava, era um poder automato que o arrastava á um lugar pavoroso.

A brisa da noite agitava os vestidos da virgem, e batendo nas faces do mancebo enregelava seu coração.

Eil-a na porta da torre; sobe com a mesma firmeza com que havia caminhado, e elle teve de tambem subir. Já estão no ultimo andar; Margarida chega á uma das janellas, e no fim de breve espaço, em que parece meditar, rompe o silencio da noite com uma cantata. — Era a expressão de sua dôr que levava aos ares com toda a expansão até sumir-se nos bosques circumvisinhos. — Era a harpa angelica, dedilhada por uma fada, que fazia vibrar as cordas da saudade e melancolia.

Era finalmente a somnambula que cantava!

Subita mudança revolveu as idéas do mancebo, que já não era o mesmo desde que conheceu a origem d'aquelle canto. Estava em uma casa isolada e na presença da mulher que amava. Graças ao pavor que aquelle sitio inspirava, que era o garante de sua felicidade, aproxima-se á Margarida, mas seus braços ainda enervados pelo susto não podem tocá-la. E' no momento em que elle pretende com a sua voz tremula despertar-a, que um bando de passaros, sahindo dos immensos ninhos que nas paredes havião formado, se espalharão pelo interior da torre, e com seu fraco susurro cortarão a voz do mancebo e acordarão a virgem.

No meio do sobresalto que o despertar terrível lhe havia produzido, ella ainda teve tempo de ligar o fio de suas idéas, e procurar a fuga de um lugar que a horrorisava; mas quando encarou com Luciano que anhelava o momento de se aproveitar da sua perturbação, esforçou-se para gritar: parece que um pesadelo queria sufocá-la, porque o ai que queria dar morreu-lhe nos labios.

Ouviu-se uma bulha monótona... pesada... erão dois corpos que se debatião e fazião tremer o pavimento mal seguro. A luta foi breve; por

um ultimo esforço Margarida viu-se livre, e procurou o unico refugio que lhe restava. . . .

Uma mulher de vestido branco e cabellos em desordem do alto da torre se precipita; as fraldas de seu vestido tremulão rapidamente; a pancada de um corpo pesado sobre a terra... um grito doloroso... depois, a noite silenciosa como o silencio dos tumulos!

Sampaio e Mello.

POESIAS.

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS

BRASILIANA

Offerecida ao Sr. Dr. J. Caelano da Silva

Por M. de Araujo Porto-Alegre.

CANTO I.

A Derribada.

Na mão do escravo acicalado ferro
Brilha, e reflecte do africano vulto
Sorriso delator d'interno goso!
E sofrego acudindo á voz do incola,
Que na cornea busina o madrugára
Antes que a aurora os montes contornasse,
Na frondente floresta se aprofunda.
Brada contente á parceiral caterva,
E o ferro floreando, jubiloso,
No ar lampeja, qual sinistro raio.
Mede co'a vista os seculares troncos
Que em tantas estações, em tantas eras,
Os céos e a terra em porfiada lide
Donosos empregarão na estrutura
D'esses gigantes que lacerão nuvens,
Que tem por coração cerne de ferro,
Onde verazes os annos do mundo
Em multiplices rolos se recatão.
Prorompe o capataz com gesto barbaro,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentão do machado o golpe; troa
O hymno devastador, que em curta quadra
Tronca por terra mil possantes arvores,
Timbre dos evos, pompa da natura.

Nos largos botarecos que a base escorão,
E no solo se entranhão tripartidos,
Como ingentes giboias no profundo,

Talha o machado a corpolenta crosta;
Treme o chão, treme o ar, balança, esfolha-se
A cup'la verdegai do amplo madeiro,
E convulso largando os verdes fructos,
Granisa o bosque com medonho estrondo,
Que as aves manda ao céo, á toca as feras!

Marca a funda machadada
Do cante saffro o compasso;
E as que o ar toldão mil lascas
Roborão do fulo braço
O golpe destruidor.

Baqueão enermes lenhos,
E centos de outros mutilão;
Trovejão; mais eis que o ferro
Já não cava, nem fuzila
O golpe destruidor.

Sorri-se', tripudiando,
O negro falquejador,
E pára o selvagem canto,
E o golpe destruidor,
E limpa do bronzeo rosto
Com a mão alvo suor.

Rija celeuma de confuso fremito
Applauda a queda dos pujantes lenhos.
Como uma anta feroz, sibilo agudo
Arma co'os dedos nos sovados labios
O ledó capataz, e agulã a turba,
Com novo metro, variado modo,
A de um golpe extinguir o parque excelso,
Que incolume surgiu do cataclysmo!

As fouces e os machados manobrando,
Vão amputando o peristylío umbroso
Da verde tenda, monumento inculto,
Que de indomitas feras foi asylo,
E os accentos canoros de mil aves
Nas perfumadas folhas embebêra:
Onde em barbaño coro a simia astuta
Outr'ora se embalava, té que a frecha
Do certo Tamoio, o ar fendendo,
Co'a ponta hervada lhe enfiasse a morte.

Como columnas de arruinados templos
Jazem prostradas em confuso enleio
As grossas hastes, desmedidas, fortes,
D'essas umbellas, que subindo aos astros
No regaço do sol fruíão ávidas
Os puros raios de vital conforto!
E a prenhe sombra de fragrancia e fresco,
Que cem plantas mimosas protegia,
Não mais amparará bolhão ruidoso,
Que a estiva séde dissipava ás feras.

Oh! que espectac'lo grandioso e lugubre
Meus olhos, abarcando, contemplarão!
O ferro iconoclasta retalhando
A verdejante chlamyde da terra,
O seu manto sem par, — e cuidadoso
Poupar avaro os esquetos aridos
De eivados troncos, carcomidos galhos,
Aonde a viridante primavera
Em vão tentára, em contumazes lustros,
Nos podres garfos da raiz annosa
Um insufló vital verter benigna!

Ruinas sacras que eu lastimo, e adoro,
Das aves throno, odêo harmonioso!
Hoje achanado teu sublime porte
Rola na terra os prostylões soberbos
De odoros acroterios, onde a arára,
O brilho apavonando de seu manto,
Como uma flor alada resplendia!

O ferro prosternativo,
Novos prodigios mostrando
Sobre a coma dos gigantes
Que na terra estão rolando,
De Flora novos mimos denuncia,
Que de nacar se adornaão, de ambrosia.

Rescendentes de almo cheiro
Novas flores vi se abrindo,
E pelas brandas antheras
Novo aroma se expandindo,
Que delirios celestes encendendo
Vão a vida em elyseos convertendo.

Eu vi dos jardins do céo
Bellezas, perfumes, cores,
Onde as abelhas sidereas
Colhem nectareos licores,
E onde os cherubins, de amor divino,
Ungem as azas de vapor nardino.

Sois nada, jardins do luxo,
Com vossa Flora mesquinha!
Em vossos vasos de porfido
Mofina cresce a flortinha.

Não a nutre do ether pura essencia,
Nem das estrellas o macio orvalho
Na corolla mimosa insufla encantos.

Nas flores da floresta immensa e livre
Celêste prisma desprendendo as cores
D'incognito matiz roscia as pétalas,
Onde um raio de luz se deslizando
Gemma simula, que deslumbrão, cegão!

(Continúa.)

HYMNO

PARA A NOTTE DE REIS.

*Hymnos cantemos
Com puro amor
Ao Nascimento
Do Redemptor.*

Brilhante estrella no Ceo,
Espalhando os raios seus,
Nos vem dar as boas novas
Do Nascimento de um Deus.

Hymnos cantemos &c.

Adornado o Firmamento
De seus bellos resplendores,
Nos mostra a terra coberta
De cheirosas, lindas flores.

Hymnos cantemos &c.

E nós infantes que somos,
Pois que somos pequeninos,
Do Deus vivo o Nascimento
Cantamos em doces hymnos.

Hymnos cantemos &c.

Em lugar humilde e pobre
Teve o Deus recém-nascido
Seu berço, sem nenhum fausto,
Das vans grandezas despido.

Hymnos cantemos &c.

Os brutos o vem saudar,
Vem adoral-o os pastores,
E de toda o redondeza
Se o vem cobrir de mil flores.

Hymnos cantemos &c.

A nova estrella que brilha
Lá no Ceo resplandecente,
Faz com que tres Magos deixem
Suas terras do Oriente.

Hymnos cantemos &c.

Com seus dons, suas offertas,
Os tres Reis vem presurosos
Render ao Recém-nascido
Os seus votos fervorosos.

Hymnos cantemos &c.

Este offerta a prata, o ouro,
Aquelle a myrrha, o incenso,
Mas reconhecem ser nada
Para um Deus, Senhor immenso.

Hymnos cantemos &c.

Sigamos pois os tres Magos,
Adoremos com fervor
Quem nos remir do peccado
Veio, só por nosso amor.

Hymnos cantemos &c.

A vós, que ouvís nosso canto,
As boas festas vos damos,
E pois que sois generosos,
Por nossos Reis esperamos.

Hymnos cantemos &c.

Pela joven Fluminense, D. A. J. de Mello.

Colcheas.

*Em trevas e escuridão
Jaz meu peito sepultado.*

GLOSA.

Tristeza, dor e afflicção,
Se ajuntão p'ra meu tormento;
Labóra meu pensamento
Em trevas e escuridão.
Se invoco a luz da razão,
E' meu appello baldado,
Mais me pesa a mão do fado!...
E' por ti, cruel amor,
Que n'este cáhos, n'este horror,
Jaz meu peito sepultado!...

J. R. S.

Troveje a voz da paixão,
Não se escute a do dever;
Envolto quero viver
Em trevas e escuridão.
Florina, o meu coração
E' só teu, anjo adorado;
Ah! recebe apaixonado
Assim como eu recebi
Esse amor em que por ti
Jaz meu peito sepultado.

J. R. S.

CHARADAS.

Patria da nuvem, do vapor asylo, — 1
A passos mil d'aqui fíco distante. — 2
Sou laço, sou prisão, sou rede ou nó,
Em que prender-te posso á todo o instante.

Segundo, debaixo, embaixo; — 2
Alferes, capitão, major; — 2
Mas sempre por baixo, ábaixo
Sem eu ser coisa inferior.

Um artigo e um adverbio — 2
Que o vento o faz irritar. — 1
Já lá vai per mar em fóra
O cordão de abotoar.

As charadas do N. 4 são: — 1.^a, Panninho —
2.^a, Calega.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Rosario & Mello, rua d'Alfandega, 126.